

Pós-modernidade e a negação da infância

Post-modernity and the denial of the childhood

Luciana Garcia de LIMA*

Resumo: A maneira como se desenvolve o conceito de infância pode constituir uma excelente projeção do sistema de valores e de aspirações de uma sociedade. Essa constatação pode ser atribuída a qualquer conceito existente, porém o conceito de infância possui a particularidade de se referir não apenas a algo externo, mas ao passado de cada um, ao mesmo tempo em que ao futuro de cada grupo humano. O conceito de infância surgiu com a filosofia idealista alemã apenas no final do século XVII, ao mesmo tempo em que surgiu o conceito de indivíduo e que as ciências começaram a se desenvolver. Considerando, portanto, a infância como um conceito socialmente produzido, variando no tempo e no espaço, procuramos investigar, neste artigo, as influências da sociedade denominada pós-moderna nesse período da vida. Dessa forma, o nosso objetivo é compreender os elementos que contribuem para a negação da infância na sociedade atual e refletir sobre as possíveis conseqüências dessa negação no desenvolvimento posterior do sujeito. As hipóteses que permeiam este estudo nos levam a pensar que a sociedade pós-moderna, ao adultizar as crianças, colabora para o encurtamento da infância e, conseqüentemente, para seu desaparecimento. Além disso, ao deixar de vivenciar a infância plenamente, as crianças (pseudo) amadurecem mais rápido, mas tornam-se adultos que tendem a, inconscientemente, voltar a essa fase na tentativa de recuperar algo perdido, tornando-se, muitas vezes, adultos infantilizados. Para desenvolver esse pensamento, utilizamos, como referenciais teóricos, autores que descrevem e analisam a sociedade atual a partir de uma abordagem crítica da sociedade.

Palavras-chave: Infância. Negação da infância. Pós-modernidade.

Abstract: The way that childhood's concept has been developed may constitute an excellent projection of the values system and aspirations of a society. This evidence can be attributed to any existent concept, therefore it has a particular way of referring to something that is not only external, but to everyone's past or even at the same time to the future of every human being group. The concept of childhood was born with the German idealist philosophy only in the end of XVII century, at the same time when the concept of the individual showed up and the development of the science had started. Considering the childhood as a socially produced concept, changing on time and space, we try to investigate in the article the influences of the society called postmodern in that period of life. In this way, our aim is to understand the elements that contribute to the denial of childhood in the current society and reflect on the consequences of this denial on the future development of the individual. The hypotheses of this study make us to think that the postmodern society pushes our children to be adult and it collaborates to

* Psicoterapeuta e psicóloga escolar, Especialista em Psicopedagogia (PUC-SP) e Mestre em Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação (UBC). Professora do curso de pós-graduação em Psicopedagogia, da Universidade Braz Cubas (UBC). E-mail: lucianaglima@yahoo.com.br

decrease the childhood time and hence its banishment. In addition, not fully living the childhood, children (pseudo) grow up quickly and become adults that unconsciously come back to these time trying to recover something lost, often becoming infantilized adults. To develop this thought, we used, as theoretical references, authors that describe and analyze the current society from a critical approach of the society.

Keywords: Childhood. Denial of childhood. Post-modernity.

Recebido em: 05/08/2008. Aceito em: 24/09/2008

Introdução

O termo pós-modernidade, embora não seja um consenso acadêmico, é usado para designar uma sociedade que não pode mais ser caracterizada da mesma forma que a sociedade moderna, mas que também não corresponde a um novo modelo social. Apesar de indicar um momento de transição histórica, a pós-modernidade carrega consigo as marcas do capitalismo industrial, que continua a influenciar os diferentes aspectos culturais.

Para Adorno (2006), o processo capitalista implantou uma desumanização, negando aos trabalhadores os pressupostos à formação do indivíduo. A formação da criança passa pelos valores essenciais à sua convivência com o outro, porém, ao ser formada para ingressar, futuramente, no mercado de trabalho competitivo, a criança perde de vista o outro.

A indústria cultural influenciou os habitantes das cidades e dos campos. E a autonomia não teve tempo de constituir-se. Os bens de formação cultural são oferecidos por diferentes canais. Porém, segundo Adorno (2006), esses bens ajudam a manter no “devido lugar” aqueles que têm baixo poder aquisitivo. Isso acontece porque o conteúdo da formação é ajustado pelos mecanismos de mercado.

Os valores tradicionais ficam soltos, desaparecem as certezas tradicionais e há uma erosão da memória, que fragiliza e realça o vazio de valores. Pasolini (*apud* SOUZA, 2004), afirma que estamos vivendo a sociedade do “fascismo consumista”, em que o modelo do consumo é incondicional e os modelos culturais são substituídos pela padronização absoluta do desejo. Não são mais os outros que nos fornecem elementos

básicos para a constituição das nossas referências éticas e morais. A subjetividade do ser humano encontra-se esvaziada de sentidos próprios.

Atualmente, a sociedade, em geral, valoriza as pessoas por aquilo que elas têm e não pelo que são. A infra-estrutura, como produção de vida material, teve um crescimento muito maior que a superestrutura, entendida como desenvolvimento do espírito, havendo um retrocesso da consciência. Dessa forma, podemos perceber que o fato de se ter mais dinheiro não resulta numa garantia de formação, posto que o nível da consciência não está associado à infra-estrutura.

Sarlo (2004, p. 9), crítica literária e ensaísta cultural argentina, descreve a sociedade pós-moderna como uma “nação fraturada e empobrecida”. De acordo com a autora, vivemos uma homogeneização cultural, “onde a pluralidade de ofertas não compensa a pobreza de ideais coletivos, e cujo traço básico é, ao mesmo tempo, o extremo individualismo”.

A autora (2004, p. 15) considera que a sociedade atual está pautada pela estética do mercado onde “a constância das marcas internacionais e das mercadorias se soma à uniformidade de um espaço sem qualidades”. Construimos nossa identidade pautada nos ícones do mercado, sonhamos com os objetos e imagens que estão expostos nas vitrines. Há um jogo da sociedade capitalista para nos transformar em consumidores eternamente insatisfeitos, em busca de ícones que possam trazer algum tipo de prazer imediato (mito da novidade permanente). Há uma perda de referências em todos os aspectos.

Para Dufour (2005), a pós-modernidade pode ser definida pelo esgotamento e pelo desaparecimento das grandes narrativas de legitimação.

É uma época que vê desaparecer até mesmo as forças nas quais a modernidade se apoiava.

O mundo está dominado pela indiferenciação entre homem e coisa, num processo de dessimbolização. Dufour (2005) aponta que a Modernidade foi uma época saturada de grandes Sujeitos (entendendo-os como referências conceituais), que culminou em uma pós-modernidade sem Sujeitos. Ele aponta que talvez isso seja apenas um “abrir de olhos doloroso”. Fundamentado em Lacan¹, argumenta que a falta de um grande Outro a nos guiar, talvez nos leve a encontrar nossas próprias leis internas.

Dessa forma, encontramos a desigualdade econômica como único meio eficaz contra a homogeneização cultural, já que nem todos os desejos têm condições de se realizarem. “A universalização imaginária do consumo material e a cobertura total do território pela rede audiovisual não acabam com as diferenças culturais”. (SARLO, 2004, p.109). Na mesma direção, Baudrillard (*apud* SOUZA, 2005) afirma que o sistema atual anula as diferenças reais em função de uma produção padronizada de diferenças.

As relações que estabelecemos, atualmente, com as pessoas assemelham-se às relações que estabelecemos com as coisas: são relações fugazes, dinâmicas e descartáveis. As relações acontecem de acordo com a economia da descartabilidade. Os objetos são os alicerces em que se constrói a identidade.

A ordem social, para Souza (2005), não é mais pautada pela produtividade, mas pela reprodutividade. O homem não mais divide seu tempo entre trabalho e repouso, mas entre o trabalho e o consumo, transfigurado em lazer.

Steinberg e Kincheloe (2004, p. 20) apontam as imagens assustadoras que a cultura popular infantil apresenta, afirmando que as “pegadas do poder deixadas pelas empresas produtoras de cultura infantil” exercem seus efeitos na psique das crianças.

O acesso à cultura popular foi minando as

características da infância de inocência e dependência. As crianças pós-modernas não estão acostumadas a pensar e a agir como criancinhas, mas como pequenos adultos, o que pode ser observado na maneira como se vestem, falam e se comportam.

A televisão ou “o meio que escancara tudo”

Uma outra característica pós-moderna, levantada por Sarlo (2004), é o fenômeno *zapping*, que corresponde à velocidade das informações, das imagens. Segundo a autora, a imagem perdeu toda a sua intensidade, não provocando, atualmente, nem espanto nem interesse. Está apenas ocupando um espaço e um tempo enquanto não é sucedida por outra imagem e assim por diante.

A televisão e a propaganda tornam esse fenômeno mais claro. Segundo Sarlo (2004, p. 66), seguem inclusive leis: 1) produzir maior acumulação de imagens e menor quantidade de informações; 2) refletir sobre as imagens e as informações deve ser impossível, sendo que a velocidade com que são apresentadas é muito superior à nossa capacidade de retenção de conteúdos; 3) evitar pausa e retenção do fluxo de imagens; 4) o vídeo deve estar preenchido o tempo todo por imagens diferentes, evitando a mudança de canal. A atração é sustentada pela velocidade, e não só por imagens. “O denominador comum é miscelânea”.

A imagem ganhou importância na modernidade e contribuiu para a alienação, pois diante da imagem, somente a nossa emoção e não a nossa razão é solicitada. O homem não precisa pensar, precisa se alienar e tornar-se submisso ao consumismo. Deixar-se enveredar pelas imagens que criam falsas necessidades.

Para Sarlo (2004), se a sociedade moderna foi sustentada na imagem, podemos dizer que a sociedade pós-moderna é sustentada na velocidade, ou seja, em ritmo acelerado e com ausência de silêncios e de vazios de imagens. Onde havia imagens, agora existem fragmentos de imagens ou apenas imagens de preenchimento, que não precisam significar algo. Postman (1999), na mesma direção, acrescenta que a televisão necessita de muito material, pois é centrada no presente e opera na velocidade da luz. Não há uma preocupação

¹ Jacques Lacan (1901-1981) foi o médico francês que renovou o pensamento freudiano, trazendo para a Psicanálise elementos estruturalistas, criando a “clínica do real”, que serviu de interlocutora entre a Filosofia, a estética e a crítica literária.

com a maneira de coletar informação, mas de propagá-la. Assim, a televisão não pode se aprofundar em nenhum assunto e gera o “pseudo-evento”, ou seja, encena um acontecimento somente para o consumo do público.

Deleitar-se com a repetição de estruturas conhecidas é prazeroso e tranquilizador. Trata-se de um deleite perfeitamente legítimo tanto para as culturas populares quanto para os costumes das elites letradas. A repetição é uma máquina de produzir uma suave felicidade. (SARLO, 2004, p. 63).

Diferentemente de muitas escolas, a televisão não é elitista; ao contrário, é o maior meio de comunicação de massa. Além disso, não vive de assuntos distantes, mas de cotidiano e, por isso, se aproxima mais das pessoas. Com a diminuição das relações intersociais, a televisão vem tomando esse lugar e se aproximando dos telespectadores. Exatamente o oposto do que algumas escolas fazem ao ensinar aos alunos disciplinas fragmentadas e desconectadas de suas vidas

A televisão tem o poder de igualar as faixas etárias, pois não há restrição. Para Postman (1999), tanto as crianças como os idosos têm acesso ao mesmo tipo de informação. Além disso, as imagens televisivas são concretas e auto-explicativas, exercendo um grande domínio sobre a mente.

Adorno (2003, p.80) chama a nossa atenção para o fato de que a televisão é uma ideologia que tenta “incutir nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade”, impondo um conjunto de valores que atuarão na formação dos telespectadores, no sentido de modificar a consciência das pessoas, pois os processos de formação se dão mais de fora para dentro do que o inverso.

Além disso, a publicidade presente na televisão, segundo Dufour (2005, p.121), “constitui um verdadeiro adestramento precoce para o consumo e uma exortação à monocultura da mercadoria”. As horas que as crianças passam, hoje, em frente à televisão, podem ser traduzidas como menos tempo passado com amigos, família. E a consequência disso é que os pais, principalmente, perderam em muito o lugar na educação dos filhos. Essa “educação” hoje é, em grande parte, realizada pela televisão e pela mídia.

Os comerciais exibidos na televisão são as boas notícias no meio das notícias ruins exibidas pelos telejornais, pelos programas sensacionalistas, como se a única saída para todo esse mal fosse adquirir os produtos ou serviços mostrados. Cria-se uma necessidade que não existe e criam-se produtos como se fossem capazes de sanar, momentaneamente, essas carências. Há um apelo à realização imediata, à qual não só as crianças, mas também os adultos estão se habituando. A maneira como são apresentados esses produtos não exige do telespectador julgamento racional, somente emoção. Isso facilita a compreensão de crianças de qualquer idade, já que esse entendimento não está relacionado ao desenvolvimento cognitivo.

A televisão dirige-se ao mundo e não aos indivíduos. O excesso de tecnologia afasta a família e cria maus hábitos. As informações são anônimas, descontextualizadas historicamente; o que vale é o presente instantâneo e simultâneo. Os processos de informação, com a televisão e a internet, tornaram-se incontroláveis. A televisão é um meio de comunicação pictográfico e não lingüístico. Adorno (2003, p. 77) desconfia que essa televisão, em larga escala, “contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores”.

O público desses meios de comunicação é alienado pelo hábito que se cria em relação a notícias fragmentadas, descontínuas, irrelevantes. Para Postman (1999), hoje, contraditoriamente, não é importante o uso que se faz daquilo que se sabe. Segundo o autor, o mais importante é a quantidade daquilo que se sabe. Não há contexto, principalmente histórico, no conteúdo exibido e a sucessão de imagens apresentadas é rápida e fragmentada.

No que se refere à infância, Postman (1999, p. 94) argumenta:

A televisão destrói a linha divisória entre a infância e a idade adulta de três maneiras, todas relacionadas com sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para apreender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente e nem ao comportamento; e terceiro porque não segrega seu público.

Antes, a infância era considerada uma época em que não se tinha acesso às informações adultas. Com os meios de comunicação, isso não mais existe. A informação está à disposição de todos. Não existem mais segredos. Elimina-se a principal diferença entre o mundo adulto e a infância, que são as informações acessíveis somente aos adultos e que permaneciam em segredo até que a criança tivesse maturidade para compreender. As crianças são um grupo de sujeitos que ainda não sabem de certas coisas, não têm acesso a certas informações. Mas, na “Era da TV”, isso tudo se dissolveu, embora a criança não compreenda racionalmente todas as informações a que é exposta.

Postman (1999) conclui sobre a televisão que esta contribui decisivamente para o desaparecimento da infância, visto que, se sobre as crianças são despejadas grandes quantidades de material adulto, a infância não poderá sobreviver. As especificidades da infância são negadas, fazendo com que essa fase da vida humana tenda a desaparecer.

Percebemos, com isso, que as diferenças de gerações tendem a pasteurizar-se, pois tanto a autoridade (que caracterizava o adulto) como a curiosidade (que caracterizava as crianças) encontram-se opacas nas relações que estabelecem. De acordo com Postman (1999, p. 103), “as crianças são curiosas porque não conhecem ainda o que suspeitam que haja para conhecer e os adultos têm autoridade em larga escala porque são a maior fonte de conhecimento”.

Mais que os conflitos de gerações, ocupam a cena contemporânea outros tipos de conflitos, justamente pela perda de referências ou – como o senso comum admite – perda de valores. Ninguém mais sabe com segurança qual é o seu papel. Com isso, encontramos senhoras vestidas com as roupas da filha adolescente e meninas que vão à escola usando salto alto e maquiagem. A menina de 10 e a mulher de 30 querem aparentar 21 anos. A televisão acentua esse fenômeno.

Sobre isso, Postman (1999) ainda afirma que a antiga curiosidade é substituída pelo cinismo e pela arrogância. As crianças não podem mais confiar em nada, muito menos nos adultos. Isso acontece porque recebem respostas completas para perguntas que nem mesmo fizeram. As crianças desenvolvem o que chamamos de atitu-

des adultas e parece haver uma homogeneização das mentalidades.

Para Adorno (2003, p. 79), a solução estaria em promover a ampliação do esclarecimento da televisão. O autor argumenta que “é necessário ensinar os espectadores a verem televisão”. Mas não basta! Os professores precisam se preparar, discutir os programas de televisão em suas salas de aula, explicando de forma crítica o que foi apresentado. É preciso ensinar os alunos a assistirem televisão sem se deixar iludir, sem se subordinar à ideologia da televisão. Além disso, as pessoas que fazem televisão precisam ser levadas a refletir acerca de sua atividade.

Quando bem utilizada, afirma o autor (ADORNO, 2003), a televisão pode contribuir para possibilitar o encontro com a realidade e não com a ilusão, mas o que domina a realidade é o inverso, ou seja, a televisão proporciona ao telespectador o encontro com ilusões, um mundo de pseudo-realismo perfeitamente planejado para dar a impressão de se tratar da realidade.

Videogames

A importância dos videogames, na atualidade, está ficando mais evidente à medida que podemos encontrar filmes produzidos com base em jogos de videogames, e não mais o contrário. Os videogames criam uma nova forma de mídia e de narrativa.

Ao analisar videogames, Sarlo (2004) ressalta que esse tipo de jogo chega a ser ofensivo à imaginação das crianças, na medida em que produz a imitação e movimentos repetitivos, adaptando-se aos desejos mais previsíveis. São jogos vazios de significados, embora tenham uma enxurrada de significantes na composição da narrativa.

O sujeito, ao jogar videogame, não precisa pensar sobre o que está fazendo. Deve, imediatamente, apertar um botão para não ficar atrasado na corrida imposta pelo jogo. Além disso, seu conteúdo costuma ser socialmente opressivo, racista, sexista² e altamente violento.

² Estereótipos de gêneros que rotulam tanto o homem quanto a mulher, confinando-os a papéis predefinidos, artificiais e, muitas vezes, degradantes e redutores para ambos os sexos.

Segundo Dufour (2005), apoiado em Lacan, a nossa identidade é constituída a partir do *Outro*, mais precisamente a partir da resistência que o sujeito opõe ao *Outro*. Para que o sujeito exista, portanto, é necessário primeiro que ele aceite o *Outro* e a ele se submeta, para depois resistir a ele. Dessa forma, o *Outro* possui a função simbólica de fornecer um ponto de apoio sobre o qual o sujeito se constrói.

Esse *Outro* do qual nos fala Dufour (2005) é imaginário e constituído histórica e culturalmente, ocupando o lugar do terceiro que nos funda³. Sem esse *Outro*, o sujeito perde as referências sobre as quais se forma e perde, também, as referências para lidar com outros sujeitos. Deixa de existir o acesso à função simbólica que possibilita a construção de uma espacialidade e de uma temporalidade essenciais à formação do sujeito.

A época moderna era, segundo Dufour (2005), regida por vários *Outros*. O sujeito estava, portanto, assujeitado⁴ a várias figuras do *Outro*, caracterizando um espaço simbólico bastante complexo. Na pós-modernidade, vemos desaparecer, de acordo com o autor, essas referências de sujeitos, assim como não existe um *Outro*. E, portanto, tudo se torna flexível, inclusive os valores:

Nós nos encontramos num espaço que não é nem autônomo nem crítico, nem mesmo neurótico, mas num espaço anômico sem referências e sem limite no qual tudo se inverte, isto é, um espaço no qual nem todos os indivíduos se tornam necessariamente psicóticos, mas no qual as solicitações para se o tornar são abundantes. (DUFOUR, 2005, p. 60).

Como já foi abordado anteriormente, no lugar desse vazio, entra a lógica do mercado. O mercado como *Outro*. Segundo James Carey (*apud* POSTMAN, 1999), a estrutura da nossa consciência precisa ser remodelada para corresponder à atual estrutura de comunicação. O individualismo se tornou uma condição psicológica normal e

aceitável.

Durante vários momentos da história, a Educação atuou como o *Grande Outro* através do qual o sujeito se produz, assim como os membros familiares. Portanto, neste momento, é necessário pensarmos a família e a escola pós-moderna, para que, através dessa reflexão, possamos pensar a formação do novo sujeito, principalmente a partir da infância.

A família pós-moderna

Como a conhecíamos antes, a família nuclear está desaparecendo. Atualmente está perdendo seu valor e vivendo um impasse.

Para Costa (2004), as famílias abriram mão de resolver sozinhas os problemas que sempre foram de sua competência, e estão apelando cada vez mais aos especialistas:

Perante os novos técnicos em amor familiar, os pais, via de regra, continuam sendo vistos como ignorantes, quando não doentes. Há sempre um a mais a corrigir e um a menos a tratar. Amar e cuidar dos filhos tornou-se um trabalho sobre-humano, mais precisamente, científico. Na família burguesa, os pais jamais estão seguros do que sentem ou fazem com suas crianças. Nunca sabem se estão agindo certo ou errado. Os especialistas estão sempre ao lado, revelando os excessos e deficiências do amor paterno e materno. (COSTA, 2004, p. 15).

Segundo o autor, a normatização⁵ da família, imposta pela ordem médica (higienistas), acabou por desestruturar as famílias, que se sentem inseguras quanto ao seu amor e aos seus cuidados com relação às crianças. Parece-lhes que tudo o que fazem ou tentam fazer nunca é o suficiente ou o correto.

³ Para Dufour (2005), "o homem é uma substância que não tira sua existência de si mesmo, mas de outro ser". O autor entende que esse "terceiro" tem sempre um cunho político e é a figura em torno da qual se organizam o restante dos sujeitos (homens). Esse terceiro já teve vários nomes no decorrer da história da humanidade: a Natureza, as Idéias, Deus, a Razão.

⁴ Termo utilizado pelo autor para designar submissão, submetido a.

⁵ Em meados do século XIX, os médicos higienistas, horrorizados com os altos índices de mortalidade infantil, criaram o movimento higienista, que consistia em criar hábitos nas crianças de modo a prevenir as más inclinações, já que consideravam as crianças como "cera mole", ou seja, mais facilmente de serem moldadas.

A escola pós-moderna

Em seu livro *Cenas da vida pós-moderna*, Sarlo (2004) descreve a escola pós-moderna como uma escola desarmada, visto que não possui recursos materiais e nem prestígio simbólico. Para Lima (2001), a escola particular tem se curvado ao mercado e a escola pública ao comodismo, ou seja, deseja manter as coisas como estão, enquanto o mundo sofre mudanças hercúleas.

Sarlo (2004) assinala que os *shoppings centers* são correspondentes a uma ordenação que dá a impressão de percurso livre. Ressalta, também, que a relação do shopping com a cidade à sua volta é de indiferença e, ainda, que o *shopping* foi construído com o intuito de substituir as cidades.

A escola contemporânea pode ser vista de maneira semelhante, ou seja, as escolas particulares são dotadas de recursos materiais que as transformam em verdadeiros templos de entretenimento e até de compras, ao mesmo tempo em que têm um discurso libertário que dá a sensação, aos alunos, de que aprender pode ser divertido e que eles têm o poder de escolher de que forma podem aprender ou se divertir. Porém, a intencionalidade desses recursos usados pelas escolas não visa ao aprendizado, e sim a angariar uma maior quantidade de alunos e mantê-los matriculados. Dessa forma, as escolas negam o real, desprezando as relações com o cotidiano e com as experiências de seus alunos.

A imagem dos alunos em relação à finalidade de se freqüentar a escola pode ficar distorcida, pois com tantas distrações, seu valor simbólico e institucional de transmissão de saber, de conseguir um futuro melhor já não existe.

A simbologia da escola, da educação e da criança entrou em declínio. O objeto sonhado não é mais a educação, mas os recursos materiais. No lugar dos valores não ficou o vazio, mas a lógica do mercado, a sociedade do espetáculo. Segundo Sarlo (2004), os sujeitos pensam que os objetos adquiridos lhes dão algo de que eles necessitam ao nível da identidade: “os objetos são os nossos ícones”.

Segundo Adorno (2003), não pensamos mais no “para que” da educação. O autor exemplifica isso com a metáfora da história da centopéia: quan-

do lhe perguntam como faz para movimentar suas pernas ela fica paralisada, não mais consegue andar. Para Adorno (2003), o mesmo vem ocorrendo com a educação, hoje.

Para esse autor, a educação é muito mais do que modelar pessoas ou transmitir conhecimentos. A verdadeira função da educação é trabalhar no sentido da produção de uma consciência verdadeira. O autor concorda que a educação também tem o objetivo de promover a adaptação das pessoas ao seu meio, mas não como um conformismo uniformizado e, sim, respeitando e possibilitando a construção das individualidades.

Tanto as escolas com mais recursos econômicos e materiais, como aquelas que não os têm, mantêm essa relação de indiferença com as cidades em que estão inseridas e o mundo. Ao mesmo tempo em que se tenta levar para dentro da escola o momento histórico atual, com seus recursos tecnológicos, aliena-se a criança não a levando a refletir sobre sua sociedade, os valores, as tradições e a história que constituem sua identidade. De acordo com Sarlo (2004, p. 102), “as escolas não sabem mais o que fazer para que sua oferta seja mais atraente do que a da cultura audiovisual”. Existe uma lacuna no desenvolvimento pessoal e cognitivo da criança que a escola ainda não sabe como preencher.

Para a autora, com o enfraquecimento do valor simbólico e institucional da escola, a comunidade imaginária construída pelos meios de comunicação não encontra nenhum obstáculo para a construção de uma cultura baseada na mercadoria. Ocorre que as escolas não conseguiram acompanhar as transformações ocorridas com o advento da cultura audiovisual na mesma velocidade que os meios de comunicação.

Nesta sociedade a escola não é opção, é obrigação. E essa obrigatoriedade, segundo Souza (2005), é o que propicia um discurso vazio a respeito dela, pois é difícil estabelecer uma consciência crítica a respeito de algo que se tornou tão banal.

Na tentativa de concorrer com a cultura audiovisual, as escolas investiram no uso de diversas ferramentas tecnológicas, porém, sem refletirem acerca da intencionalidade do uso desses recursos. Com isso, não queremos dizer que os recur-

sos tecnológicos devem ser banidos das salas de aula, mas que seu uso deve ser muito bem pensado para não se tornar vazio. Muitos procedimentos e ferramentas podem ser mais prejudiciais do que benéficos. Porém, nos deparamos com a questão do professor, que também é pseudoformado tal qual seu aluno, ou seja, enfrenta os mesmos problemas na atualidade: como não recebe uma formação crítica, não aprende a fazê-la. E não podemos ensinar aquilo que não sabemos, não conhecemos ou não compreendemos. O professor é, assim como seu aluno, alienado da realidade e pela realidade.

As crianças criadas pela televisão podem ter a capacidade de função simbólica pouco desenvolvida, já que essa habilidade não é necessária nem para a televisão, nem para os videogames. Dessa forma, segundo Dufour (2005) e Postman (1999), essas crianças tornam-se cada vez mais incapazes de falar, escrever e ler, ao menos no modelo que o sistema educacional estabeleceu.

Isso dificulta o funcionamento do sistema educativo tal como se apresenta, já que não existem mais alunos e não existem mais professores nos moldes tradicionais e nenhuma alternativa foi desenvolvida até o presente momento.

Dufour (2005) aponta que sem a capacidade de simbolização, sem conseguir elaborar a fala, a escrita e a leitura, esses alunos desenvolvem “sintomas pós-modernos”, como distração, hiperatividade, entre outros *sintomas-fashion*. E profissionais, pais e especialistas, antes de procurar entender o que está de fato acontecendo para que as crianças precisem dos sintomas para pedir socorro, as medicalizam cada vez mais cedo: “Com essa camisa de força química, empregada em larga escala e por longo tempo, é fechado o circuito na fabricação e no controle de sujeitos psicotizantes”. (DUFOUR, 2005, p. 145). É a medicalização da infância.

Friedmann (2005, p.19) traz em sua obra um conceito muito pertinente para este momento: *normose*. Esse conceito foi introduzido por Pierre Weil e é definido como: “conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade”. A partir desse conceito, a autora reflete acerca dos problemas atuais da infância e que são considerados

normais, pois são frutos da sociedade atual. São alguns deles: crianças sem rotina, sem rituais de passagem, alimentadas com *fast-food*, com agendas superlotadas, que permanecem horas em frente à TV ou ao videogame, que são precocemente alfabetizadas, sem tempo livre, que não convivem com a família, mas ao mesmo tempo, convivem com todos os problemas do mundo adulto, que se relacionam sexualmente desde muito cedo, que se drogam, bebem e tomam antidepressivos.

Segundo Friedmann (2005), a sociedade não se preocupa com os problemas acima apresentados, mas se preocupa com o que deveria ser considerado normal entre as crianças: chorar, pedir colo, falar sozinho, não parar quieto, ter medos irracionais, não querer tomar banho e, depois, sair do banho, brincar, movimentar-se, se perder nos pensamentos, sonhar. De acordo com a autora, vivemos uma crise de confiança, de valores, uma carência de raízes que tragam algum significado para nossas vidas. Ela aponta, ainda, que o maior desafio da atualidade é superar a *normose* ou a *educação normótica*, que além de não aceitar a diversidade, pretende comparar as pessoas a partir de um ideal de normalidade imposto socialmente.

Ao invés de buscar esse ideal, as escolas partem para a *encaminhoterapia* ou *ortopedia psicopedagógica*, como aponta reportagem da Revista Educação (Ano 9, no. 107, 2006), que corresponde à resolução de problemas fora dos muros da escola, principalmente com a educação inclusiva. A matéria se refere a uma pesquisa realizada entre crianças e jovens encaminhados a tratamentos diversos e os resultados demonstram que somente 20% dos casos realmente precisam de um acompanhamento profissional. Porém, sem tempo e sem referências de como educar seus filhos, os pais tornam-se dependentes de profissionais que atuam nesses setores.

A escola que vemos surgir, nesse momento, é a *Escola do Capitalismo Total*, ou seja, uma escola que forma para a perda do sentido crítico e que produz indivíduos consumistas. Dufour (2005) explica que, nessa escola, não se deve permitir que a criança pense. Deve-se distraí-la, animá-la, fragmentar os conteúdos e disciplinas de forma a reproduzir o *zapping* televisivo. A escola pós-moderna é, portanto, um misto de parque de diversões e asilo

social. Instrumento de poder e alienação.

A visão que se tinha da educação infantil como assistencialista, no sentido de cuidar da criança enquanto seus pais trabalham, ou de melhorar as condições de miséria dessas crianças (dando comida e cuidados básicos) é superada para a criança de hoje. A Educação Infantil passou por uma espécie de emancipação nos últimos anos, sendo reconhecida como a primeira etapa da Educação Básica, mas traz, ainda, incorporados os vícios de apenas compensar a ausência dos pais.

O discurso em voga é que a criança vai à escola para se desenvolver, ou seja, para criar, fantasiar, brincar, já que essas atividades ficam quase impossibilitadas pela violência nas ruas, pelos espaços reduzidos dos apartamentos, pela ausência dos pais durante todo o dia, pela redução do número de filhos nas famílias, entre outros fatores.

Partindo dessa idéia, as escolas devem visar a proporcionar esse desenvolvimento. Porém, educar a criança na era pós-moderna não significa estimular sua massa cinzenta desde cedo, mas equilibrar esses estímulos com métodos educacionais que enfatizem a afetividade, como já apontava Wallon⁶. Quando o objetivo é somente o desenvolvimento cognitivo, a criança, fatalmente, crescerá indiferente ao ser humano e absolutamente individualista.

Estamos lidando com a formação de seres humanos e não com máquinas que podem ser programadas. O desenvolvimento intelectual não pode estar separado do desenvolvimento afetivo. Os estímulos não devem visar somente ao sucesso no mercado, mas ao respeito humano. A negação da infância nas instituições de educação não se dá apenas através do currículo ou do conteúdo programático, mas da atuação dos profissionais.

De acordo com Lima (2001, p. 34), as escolas de educação infantil iniciam a alfabetização e a apresentação dos conteúdos muito precocemente e se esquecem de trabalhar as habilidades essen-

ciais e básicas das crianças, como afetividade, sociabilidade e aptidões cognitivas. Esses indivíduos, muitas vezes, conseguem aprender os conteúdos, “mas ficam seqüelas na formação pessoal daqueles momentos infantis castrados”.

Segundo Adorno (2003, p. 11), “quanto mais a educação procura se fechar ao seu condicionamento social, tanto mais ela se converte em mera presa da situação social existente”. A solução não parece estar na recuperação do tradicionalismo, mas na aceitação criteriosa das características da sociedade atual.

De acordo com Lima (2001), os pais, pressionados por uma sociedade competitiva e materialista, também impõem a seus filhos que estes devem produzir e competir e, muitas vezes, cobram que eles sejam os melhores. Ou seja, há um quadro de expectativas exageradas tanto por parte dos pais quanto dos professores e da sociedade em geral, e a criança cresce com a meta de vencer na vida, participando, desde cedo, de competições cada vez mais acirradas, próprias da pós-modernidade. Inclusive os jogos coletivos, que visavam, ao menos durante a infância, ao desenvolvimento da criança, assumem caráter de extrema competitividade, deixando de lado qualquer indício de ludicidade.

Forçados pela velocidade da vida, pela urgência das coisas, os pais se esquecem que os estímulos básicos são dados por eles, quando se mostram abertos para apreender e compreender seus filhos. As crianças percebem a atitude dos pais que brincam e apreciam a companhia de seus filhos, e daqueles que brincam com seus filhos visando a determinada performance.

A criança torna-se, muitas vezes, depositária das expectativas e das angústias parentais. Os pais, geralmente, esperam das crianças aquilo que não puderam dar a si próprios.

Estamos produzindo crianças intelectualmente desenvolvidas ou até superdesenvolvidas, mas autistas do ponto de vista psíquico, ou seja, incapazes de estabelecer relações pessoais e de serem afetivas.

Kramer (2003) aponta que o adulto separa a criança da educação infantil, a quem trata como criança, da criança do ensino fundamental, a quem trata como aluno. As crianças geralmente não en-

⁶ Henri Wallon (1897-1962), médico, psicólogo, pesquisador e professor francês, foi contemporâneo de Piaget e Vygotsky, com os quais dialogou sobre o interacionismo, desenvolvendo sua própria teoria do desenvolvimento, que coloca a dimensão afetiva como fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

xergam essa fragmentação, que só existe na cabeça dos adultos. Afirma a autora: “Eu não me deixo do outro lado da porta quando entro na creche. Da mesma maneira, a criança não deixa de ser criança e entra na escola aluno”. De acordo com seu ponto de vista, é preciso ter crianças sempre, pois ambos os níveis da Educação envolvem “conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e risco”. (KRAMER, 2003, p. 80).

É como se a criança pequena, na educação infantil, pudesse brincar, cantar, dançar, mas não pudesse aprender e, a partir do ensino fundamental, fosse o contrário: a criança devesse apenas aprender e não pudesse brincar. Há uma passagem muito brusca na escolarização dessas crianças, que elas mesmas não podem compreender porque lhes falta estrutura para isso.

Kramer (2003, p. 73) entende como necessário o “resgate das histórias de infância para que os adultos (educadores) reaprendam a brincar”.

A negação da infância

As crianças, desde seus primeiros anos de vida, são egocêntricas e fantasiosas e, para construir sua identidade, passam esses anos introjetando valores e convenções sociais ditadas pela sua cultura. Não se desenvolvem de modo igual e suas necessidades e particularidades devem ser respeitadas, embora os autores estudados no capítulo anterior arrisquem uma idade aproximada para se dar o desenvolvimento das crianças. A esse respeito, Lima (2001, p. 32), faz uma observação: “Assim como não daríamos para uma criança de 30 Kg uma saca de 60 kg para carregar, não devemos dar a ela a responsabilidade de seu aprendizado antes que esteja em desenvolvimento cognitivo e emocional adequados”.

Muitas são as queixas dos professores sobre as crianças em sala de aula: indisciplina, fracasso, cola, distração, hiperatividade, entre outras. A escola e muitos estudiosos procuram encontrar culpados e propor soluções que estão fora da escola: nos pais, na família, na situação sócio-econômica dos alunos. Porém, quando em sala de aula não se respeitam e valorizam a diversidade, a diferença, não se permite sua formação. Adorno (2006, p. 1) parece enxergar alguma consequência des-

ses atos:

A socialização radical do indivíduo na sociedade unidimensional é dialética e traz em si um potencial de negação, já que as renúncias cada vez maiores que a sociedade impõe aos indivíduos não encontram saídas equivalentes nas compensações e os instintos assim reprimidos não têm outro caminho a não ser a rebelião”.

A maneira como se apresenta um fato ou uma informação cultural pode, segundo o autor, contribuir tanto para a formação do indivíduo como para sua pseudoformação. Assim, não podemos ignorar o poder existente por trás das crises, caso contrário nenhuma proposta obterá êxito, e sim atuará como reforçadora da crise. Refletir sobre a organização social e cultural é fundamental para a formação dos sujeitos, e o período mais propício para se iniciar o pensamento crítico é a infância: “Somente uma ação da Psicologia profunda poderia contestá-la, uma vez que, em fases precoces do desenvolvimento, se afrouxam os bloqueios e se pode fortalecer a reflexão crítica”. (ADORNO, 2006, p. 9).

Se negar a infância é não enxergar sua existência, o contrário, ou seja, a emancipação⁷ da infância é perceber, observar, estimular e acompanhar seu desenvolvimento, atendendo às necessidades pertinentes à idade que lhe corresponde.

A infância que se vê na sociedade pós-moderna já não é mais aquela envolta em felicidade e inocência. A identidade da criança pós-moderna é constituída, principalmente, através do consumo. Sua subjetividade, segundo Souza (2005), desde o nascimento, é pautada no consumo: criança usa a fralda de uma determinada marca, bebe o leite de outra marca, brinca com a boneca da moda. Ou seja, a criança não aprende a lidar com o objeto em si, mas com aquilo que ele representa, o *status* que ele significa. A criança passou a fazer parte, como protagonista, da lógica da indústria cultural, em que os bens de consumo são convertidos em cultura.

Mostraremos, agora, através de exemplos concretos, como o conceito de infância está desa-

⁷ Compreendendo emancipação como um termo filosófico cujo significado é o oposto da negação, ou seja, tem um sentido de libertação.

parecendo. Já que dedicamos muitas linhas para falar da televisão, comecemos por ela. Postman (1999) assinala que não encontramos ou raramente encontramos crianças na televisão, não porque não estejam lá, mas porque são retratadas, geralmente, como pequenos adultos, usando roupas de adultos, falando como adultos, consumindo e se comportando como adultos. Mesmo o conteúdo apresentado nos programas infantis parece ser direcionado ao público juvenil, pois o conteúdo infantil já não atrai mais audiência.

Em relação às vestimentas, o mesmo acontece. Ao nos depararmos com vitrines de lojas infantis, encontramos roupas de adultos em miniatura. E as grandes marcas de roupas, principalmente masculinas, já fazem sucesso com suas versões infantis.

E as brincadeiras? Podemos pensar que brincadeira é coisa de criança e, por isso, não existe mais. Brincadeiras de rua não podem ser praticadas, devido à violência. Os espaços domiciliares diminuíram, impedindo a criança de se movimentar. Amiguinhos são raros, está cada qual entretido com as suas loucas agendas. Jogos educativos estão “fora de moda”. O que encanta as crianças (e seus pais) são as brincadeiras eletrônicas e individuais.

Até o esporte, que antes servia como aporte para a socialização das crianças, está cada vez mais profissional e competitivo. De acordo com Postman (1999), não existe mais brincar por brincar. O brincar, hoje, deve ter uma meta, renome, dinheiro, ascensão social, orgulho nacional.

Até as agendas de executivos reservadas aos adultos atingem, agora, as crianças. São diversos os compromissos diários com horário determinado: inglês, espanhol, mandarim, computação, ballet, oratória, artes marciais, entre outros exemplos que podemos encontrar. E com isso, os distúrbios - que antes ocorriam apenas com os adultos - já aparecem em larga escala entre as crianças de mais tenra idade.

Para Steinberg e Kincheloe (2004), a família é, hoje, um terreno repleto de hostilidades, em que os filhos aparecem lutando ao lado dos pais para conquistar os privilégios dos adultos e os bens materiais. Na escola há certa competição para ver quem possui o material da marca tal, a mochila, as grifes. Muitas crianças estão preocupadas em

guardar dinheiro para comprar casa ou carro novo, preocupações próprias dos adultos.

No que diz respeito aos crimes cometidos por crianças, de acordo com Postman (1999), não perdem para os adultos, nem na brutalidade e nem na frequência:

Nossas crianças vivem numa sociedade cujos contextos psicológico e social não enfatizam as diferenças entre os adultos e crianças. Como o mundo adulto se abre de todas as maneiras possíveis para as crianças, elas inevitavelmente imitam a atividade criminal adulta. (POSTMAN, 1999, p. 150).

Nos noticiários, casos de filhos que matam seus próprios pais, avós, empregadas, mendigos, entre outros crimes relacionados ao tráfico de drogas e à prostituição, são cada vez mais comuns.

A atividade sexual é outro aspecto que assusta. Em primeiro lugar, as meninas ficam menstruadas cada vez mais cedo. A quantidade de estímulos que a sociedade, principalmente a mídia, apresenta, tem atuado seriamente no nível hormonal. Encontramos altos índices de atividade sexual entre crianças, muitas vezes com conseqüências inconcebíveis, como, por exemplo, a gravidez muito precoce, antes dos doze anos de idade, e o aumento significativo de abortos com essa mesma idade. Afinal, informações não faltam!

De acordo com Souza (2005), o “infanticídio tolerado⁸” de que se falava outrora, acontece nos dias de hoje, com força total, mas de forma velada, porque mais sofisticada.

O cigarro, álcool e outras drogas ilícitas são consumidos tanto por adultos infantilizados como por crianças adultizadas. Ou seja, à medida que a infância vai desaparecendo, desaparecem, também, os seus indicadores simbólicos. Segundo Kramer (2003), graças ao advento da infância, os adultos se humanizaram. Entretanto, na realidade atual, a situação é outra: graças ao advento da adultização ou da negação da infância, a sociedade está, dentre outras coisas, se desumanizando e se coisificando.

⁸ Na época Colonial, as crianças eram, muitas vezes, deixadas na Roda dos Expostos (instituição caritativo-assistencial), destinada a recolher as crianças abandonadas, que acabavam morrendo por falta de assistência ou de recursos suficientes.

Considerações finais

Steinberg e Kincheloe (2004) se perguntam: que tipo de desesperança pode uma criança sentir, para o suicídio ser considerado uma epidemia nessa fase da vida? E eles mesmos respondem: quando ingressa na adolescência, essa criança já está aborrecida demais com o mundo e sem possibilidades de futuro, pois em tão pouco tempo de existência e sem condições emocionais para dar significado às suas experiências, já vivenciou situações tão difíceis, que perdeu a esperança de uma vida melhor. É importante lembrar que antes tais situações, incluindo os problemas que as acompanham (angústias, sofrimentos, dúvidas, entre outros), eram reservadas somente para a adolescência e a fase adulta.

De acordo com Sarlo (2004), a infância quase desapareceu, encurralada por uma adolescência muito precoce. Pais queixam-se da insubordinação, tirania, falta de respeito de seus filhos, acompanhados pelo eco dos professores. Prolifera-se a violação dos códigos e interdições de maneira assustadora.

Para Dufour (2005), as mudanças trazidas pela pós-modernidade geram o que ele chama de “novos sintomas”, ou seja, anorexia, bulimia, toxicomania, depressão, crises de pânico, entre outros que carregam consigo rupturas e rejeição do contato com o outro e, por isso, são chamados de diagnósticos de pré-psicose. Esses são sinais de crise e afetam, em sua maioria, a juventude.

Segundo Pasolini (*apud* SOUZA, 2005), a frustração e a ansiedade neurótica são, hoje, o que constitui os estados de alma coletivos. Esses sintomas seriam o preço a ser pago pela emancipação desse sujeito em relação ao Outro. Dufour (2005) ressalta, também, os altos índices de medicalização como sendo imperceptíveis ao sujeito, já que o mesmo se encontra em condições tão ruins que não é capaz de perceber se suas modificações de humor são naturais ou artificiais, se vem de dentro de si mesmo ou se são fabricadas. Isso acontece porque, ao estar consigo mesmo, o homem percebe um vazio de bens reais e simbólicos que é incapaz de preencher.

Como exaustivamente observado, as crianças de hoje, assim como na Idade Média, são tratadas como pequenos adultos, e os adultos, por

sua vez, fazem muitas coisas que lembram os comportamentos e atitudes infantis, o que remete à hipótese desta pesquisa: quando a infância não é plenamente vivida e experienciada, tende-se a retornar a ela, mais tarde, ocorrendo então uma infantilização da vida adulta.

Ao contrário do que se possa pensar, Dufour (2005) nos mostra que os novos sujeitos não estão livres pelo fato de não precisarem se assujeitar ao Outro, mas estão abandonados. Esse novo sujeito produzido pelo capitalismo pós-moderno é um sujeito dessimbolizado, psicótico, esquisofrênico, extremamente vulnerável a quaisquer traumas e, também, às ofertas do mercado, que criam a ilusão de preencher o vazio e de trazer satisfação imediata.

A insatisfação com a vida é, segundo Reis (1995), produto de aspectos infantilizados do adulto que não se desenvolveram. Esse mesmo adulto infantilizado é o menino excessivamente “adultizado” (ou adulterado?), “reprimido, no que poderia ter preservado do infantil lúdico, tão necessário à vida, ou seja, a capacidade de brincar, de ser espontâneo, de humor”, de poder ser si mesmo.

Para Postman (1999), podemos observar os efeitos de uma vida adulta e não desejada já nos jovens de quinta e sexta séries, pois com essa idade já são capazes de refletir e falar sobre essas conseqüências. Ainda para esse autor, quando se diz que a infância está desaparecendo, pode-se dizer, também, que certa forma de vida adulta está. Há, segundo Postman (1999), três fases da vida: os recém-nascidos numa extremidade, os senis em outra e os que ficam perdidos no meio, sem saber se são crianças ou adultos, apresentam características que mostram uma miscelânea de diferentes idades.

Souza (2005) postula que, na contemporaneidade, tanto os adultos como as crianças são destinos sem rumo. Steinberg e Kincheloe (2004, p.36) vão mais longe, ao afirmar que a criança precoce é uma ameaça ao paradigma da ordem, posto que se transformará em jovem independente e auto-suficiente, com uma visão inadequada do mundo adulto. Diante desse quadro, os pais perderão cada vez mais a autoridade e se sentirão ameaçados pelo monstro latente em todas as crianças.

Encontramos, entre os adultos, atitudes que caracterizam pessoas cujas potencialidades intelectual e emocional não se desenvolveram plenamente. Postman (1999) observa que o desenvolvimento da linguagem dos adultos não parece muito diferente do das crianças, em termos de variedade, profundidade ou precisão. A capacidade de raciocínio e de fazer inferências válidas também está diminuindo no adulto.

Souza (2005, p. 97) utiliza a metáfora da Medusa⁹ para descrever a situação atual em relação às crianças. A Medusa não nos permite olhá-la, mas se não olharmos para as crianças, a sensação de pedra no nosso interior se intensificará: “Sendo a infância a humanidade incompleta e inacabada do homem, talvez ela possa ainda nos indicar o que há de mais verdadeiro no pensamento humano: a sua incompletude”. Considera a autora que a incompletude é o prenúncio da invenção do possível. Para ela, a infância parece ser o único meio possível capaz de desencantar o feitiço da cultura do consumo, pois aponta ao adulto verdades que ele não mais consegue enxergar.

A infância guarda, então, uma possibilidade. É preciso recuperar a visão crítica da infância, pois ela se constitui no agora e é sujeito da história da humanidade. Possui uma especificidade que precisa ser percebida, observada e considerada, pois conserva em si as possibilidades da vida adulta, da subjetividade humana.

Ao mesmo tempo em que a autora aponta a criança como possibilidade, outorga-lhe uma responsabilidade exagerada que acaba por negá-la na sua inocência infantil para depositar nela um papel que nem mesmo os adultos podem dar conta neste momento. Mas, se o conceito de infância é negado e a experiência da infância está desaparecendo, o próprio conceito de homem, como sujeito histórico e cultural, também está. Para Kramer (2003), ao lutarmos para recuperar a infância, estamos garantindo a humanidade e o respeito pelo outro. Para Adorno (2006), é a única forma de resistência à aniquilação da subjetividade humana.

A negação da infância aponta para uma ne-

gação da subjetividade da criança, a qual, impedida de entrar em contato com sua vida simbólica - já que os objetos externos, na sociedade atual, são mais valorizados - deixa de sonhar, se transformar e se emancipar.

É necessário conhecer as condições da subjetividade da infância, os produtos da sua negação, mesmo que isso nos entristeça, assuste e assombre, pois essa é a única maneira de enfrentarmos o desafio de lutar contra a barbárie que se impôs na cultura afirmativa atual.

Referências

ADORNO, Theodor. **Teoria da semicultura**. Disponível em: <www.geocities.com/Paris/Rue/5214/tadorno.htm> Acesso em: 18 mar 2006.

_____. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 5. ed. São Paulo: Graal, 2004.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão da sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FRIEDMANN, Adriana. **O universo simbólico da criança**. Petrópolis: Vozes, 2005

KRAMER, Sonia. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, Luciana Garcia de. **A negação da infância**. Rio de Janeiro: Tmaisoito, 2008.

LIMA, Vanessa. A precidade do processo de alfabetização: considerações acerca da prontidão da infância. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**. Ano 21, n. 2. 2001. p. 28-35.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

Revista Educação. **Encaminhoterapia**. N. 107. 2006.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2004.

SOUZA, Solange Jobim e. **Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. **Cultura Infantil: a construção corporativa da infância**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

⁹ Medusa era um monstro da mitologia (górgona). Tinha asas de ouro, mãos de bronze, presas de javali e cabeça rodeada de cobras. De acordo com a mitologia, quem olhasse diretamente em seus olhos, era transformado numa estátua de pedra.